



Índia é uma dos 21 filhos do cacique Kotok Kamayurá, no interior da aldeia camaiurá, no Parque Indígena do Xingu; à direita, cena da festa Jawari, que ocorreu em 27 e 28 junho



Fotos Heloisa Passos/Folha Imagem

XINGU - 60 ANOS DEPOIS *Área é demarcada, mas indígenas reclamam da destruição causada pelos brancos na região* **Índios 'amansados' tentam resgatar cultura**

MÔNICA RODRIGUES DA COSTA
 ENVIADA ESPECIAL AO XINGU

O dia 15 de julho de 1943 foi escolhido por Getúlio Vargas como o dia de partida da Expedição Roncador-Xingu, com a finalidade de povoar o Centro-Oeste do Brasil e proteger o território. Saiu atrasada, em 6 de agosto. Um dos resultados da marcha foi a criação do Parque Indígena do Xingu.

Salomão de Souza, 73, entrou na expedição em 1948 e ajudou a construir as primeiras casas de Nova Xavantina. Ele conta que trabalhava com os Villas Bôas. "Amansamos umas 12 aldeias. Os índios do Xingu não são brabos iguais a esses daqui [xavantes]. Esses daqui acostumam, mas não amansam. Dos camaiurá, conheci Tacumã e Tapiri."

A reportagem da Folha chegou à oca do cacique Kotok Kamayurá após viajar três horas num caminhão, de Canarana até a beira do rio Kuluene, e seis horas de barco pelos rios Kuluene e Tuatuari. Acompanhou-nos Acare Maluá Carajá, 38, técnico da Funai, que traduziu as entrevistas, dadas em uaurá, camaiurá e português. Em 27 de junho, começaria o Jawari, a festa da onça. Na oca, varais entre as redes guardavam linhas e mi-

çangas ao lado de roupas "ocidentais" e um DVD. Lá fora, antena parabólica e caminhão.

Kotok, 43, disse que a escola da aldeia surgiu porque seu pai queria "fazer o resgate de cultura". "Pensou em colocar professor de pintura corporal, do canto das mulheres, de flauta. Fez esse projeto na associação Mavutsinin." Kotok tem três mulheres, 21 filhos e oito netos. Todos falam com sotaque e conversaram muito em camaiurá durante a entrevista.

Depois de 60 anos de contato, os camaiurá ainda festejam igual, mas a indumentária ganhou adereços industrializados, como se levasse ao pé da letra a devoção antropofágica — metáfora do modernista Oswald de Andrade.

A cabeça empalhada do tucano compõe a máscara sagrada apoiada numa garrafa de refrigerante. Se a fotógrafa Maureen Bisilliat registrou, nos anos 70, uma índia com correntinha de bijuteria, hoje, a fotógrafa da Folha retrata um corintiano na tribo. Os desenhos corporais dos calapalos que dançaram na festa Jawari continham palavras em português e calapalo.

Tacumã contou que os índios estão envergonhados e já usam roupas. "Mal tiram a roupa para a festa. Quando os velhos estão no

banho, notam que a mulherada de hoje prefere tomar banho de roupa e que os mais velhos andam como sempre."

No dia seguinte à festa do Jawari foi a vez de conhecer os iaualapitis. No centro da aldeia, homens e meninos treinavam a luta hucahuca e em seguida jogaram futebol contra os vizinhos camaiurás. Essa é uma época de treinos para a festa Quarup (leia abaixo).

O cacique Aritana Iawalapiti, 43, disse que "o Xingu é demarcado, só que falta muita coisa, como lugares sagrados. Só que os brancos desmataram. As nascentes dos rios Kuluene, Kurisevo, Ronuro, Batovi estão fora do parque. O governo não quer ampliar [a terra]". Eduardo Aguiar Almeida, presidente da Funai (Fundação Nacional do Índio), diz que "hoje há pleitos de revisão de limites em alguns pontos [do parque]".

Aritana disse que há só seis falantes de iaualapiti. "Uma linguista está dando aula para a rapaziada. Se eu entro, eles não falam de vergonha, eles entendem, só que não falam." Sobre os contatos hoje, é categórico: "Estamos cercados de fazendeiro, invasão, a gente está aqui nesse pedacinho como se fosse zoológico, dia-a-dia chega mais pressão."

Cacique reclama de visitantes

DA ENVIADA AO XINGU

Segundo Kotok Kamayurá, há muita gente, especialmente estrangeira, que procura as aldeias para realizar projetos com os índios. Um marroquino chamado Kamal foi aprender a ciência do pajé Tacumã. O marroquino sumiu há oito anos. Kotok contou mais: "O caminhão a gente comprou com o dinheiro de filmagem de um pessoal do Japão, da festa Tauaraná e Taquara, pagaram para nós R\$ 10 mil. Ficaram dez dias aqui. Só que estavam vendendo imagem nossa em todo lugar. A Funai pegou, eles pagaram."

Kotok disse que "o trator foi doação de um casal americano. Dormiu aqui, ficou de ajudar, [disseram] que o sonho deles era vir ao Xingu. O trator quebrou desde que chegou". O cacique reclama que os antropólogos não deixam livros sobre o Xingu na escola. E houve até biopirataria na aldeia. "Tem o livro que meu pai fez o trabalho de ensinar a usar plantas para curar. O biólogo sumiu. A Funai está denunciando."

"Criamos a associação Mavutsinin para criar projetos com trocas culturais. Tem o projeto de mel, roça, escola. Se [alguém] vier para cá filmar ou fazer outro trabalho, ajuda a associação", diz, e pede que seja divulgado o telefone para contato (0/xx/61/313-3739).



Titiko Kamayurá coloca adornos antes da festa Jawari

Quarup terá índios de fora do Xingu

DA REDAÇÃO

Na noite de 19 para o dia 20 de julho, uaurás, cuicuros, suiás, entre outras etnias do Xingu, vão de barco, de canoa, a pé, de bicicleta ou de moto até a aldeia iaualapiti para participar do Quarup de Orlando Villas Bôas (1914-2002).

O Quarup é uma cerimônia de celebração dos mortos. Seguindo a viúva Marina Villas Bôas, 65, pela

primeira vez, participarão do ritual etnias que não vivem no parque. "Nosso luto termina com o Quarup, assim como é para os índios", diz Noel Villas Bôas, 28, o filho caçula. A família planeja criar uma fundação para cuidar do acervo acumulado nos anos em que os Villas Bôas viveram no Xingu. Em 2004, a editora FTD lança a autobiografia de Orlando. Disfarçados de caboclos analfa-

betos, os irmãos (Leonardo, Cláudio e Orlando) Villas Bôas integraram a Expedição Roncador-Xingu — órgão de vanguarda da Fundação Brasil Central — em 1943. Nos 24 anos da FBC, expedicionários abriram 1.500 km de picadas, navegaram 1.000 km de rios, criaram 19 campos de pouso e fundaram mais de 30 cidades. A intenção era ligar a região entre o Centro-Oeste e a Amazônia.

Parque Indígena do Xingu
Picada aberta
Navegação

PARQUE INDÍGENA DO XINGU
Tamanho 2,8 milhões de hectares
População 4.043 índios (em 2002)
Etnias 14 grupos, que compartilham tradições, festas e rituais, casam entre si e fazem trocas
Línguas camaiurá e caiabi, da família tupi-guarani; yudja (Juruna) e aueti, do tronco tupi; meinaco, uaurá e iaualapiti, da família aruaque; calapalo, txicão, cuicuro, matipu e nãfuquá, da família karib; suiá, da família je, e trumai, língua isolada

CAMINHO DA MARCHA PARA O OESTE
LARGADA
 A expedição parte em 6 de agosto do Rio de Janeiro, reúne outros expedicionários em São Paulo, de onde partem em 8 de agosto para Uberlândia (MG) e, de lá, para Barra do Garças (MT)

RIO DAS MORTES
 Um grupo chega ao rio das Mortes em 1944. Há relatos de que xavantes rondam acampamento da expedição na região batizada de Xavantina

RIO XINGU
 Expedicionários deixam acampamento de Xavantina, no rio das Mortes, em 1945. O grupo atravessa a serra do Roncador, território dos xavantes

PRIMEIROS CONTATOS
 Em 1946, é criado o posto Garapá, ponto final da picada aberta entre o rio das Mortes e o rio Kuluene. O primeiro contato com os calapalos, liderados pelo chefe Izarari, é registrado pelos Villas Bôas

OUTROS POSTOS
 Em 1947, erguem o posto Jacaré, com campo de pouso. A partir daí, a meta é alcançar o rio São Manoel ou Telles Pires, formador do rio Tapajós

NOVO CHEFE
 No começo de 1949, Orlando Villas Bôas é convidado a ocupar o cargo do coronel Vanique. Nesse ano, a expedição pisa no divisor Xingu-Tapajós

SERRA DO CACHIMBO
 Entre 49 e 50, a expedição abre picada até chegar a São Manoel ou Telles Pires. Da base da serra do Cachimbo, no posto Diauarum, uma comitiva segue rumo ao salto de Creputiá, no rio Cururu, entre 1956 e 1958

CRIAÇÃO DO PARQUE
 O Parque Indígena do Xingu é criado em 1961, no governo de Jânio Quadros, depois de uma campanha de cerca de dez anos

SAÚDE NO XINGU
 A enfermeira Marina Lopes de Lima chega ao parque em 1963. Devido ao seu trabalho, não houve óbito infantil durante quatro anos. Marina e Orlando se casam em 1969 e vivem no Xingu até 1978

FIM DA FUNDAÇÃO
 Em 1967, a Fundação Brasil Central vira a já extinta Sudeco (Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste)

Orlando e Cláudio com meninas da etnia txicão em 1964

Aldeia Xavantina
 Campo dos Índios
 Xavantina
 Barra do Garças
 Aragarças
 Baliza

Fotos: Acervo família Villas Bôas; Fotos Heloisa Passos/Folha Imagem

Fontes: "A Marcha para o Oeste - A Epopeia da Expedição Roncador-Xingu", de Orlando e Cláudio Villas Bôas (ed. Globo); "Marcha para o Oeste", de Walden Varjão (inedito), e o site do ISA (www.socioambiental.org)